

UNIDADE AFRICANA: UM CAMINHO PLENO DE ESPERANÇAS



MAURÍCIO WALDMAN



**EDITORA KOTEV
AFRICANIDADES 17**

UNIDADE AFRICANA: UM CAMINHO PLENO DE ESPERANÇAS ¹

MAURÍCIO WALDMAN ²

No ano de 2013, a integração da África comemorou notável efeméride: cinquenta anos se passaram desde a fundação da Organização da Unidade Africana, a OUA. E mais do que uma simples ideiação, convenhamos que o continente certamente exhibe dados que afiançam sua unidade.

Podemos de imediato apelar ao que a própria compleição geográfica, histórica e cultural do continente explicita. Formando a mais compacta massa de terras emersas do Planeta, onde reconhecidamente surgiu a espécie humana, a África constitui por definição um espaço intensamente cinzelado pela ação antropogênica.

Isso significa que os africanos foram protagonistas de uma longa jornada histórica, calçada por incontáveis trocas culturais, econômicas e sociais, desdobrando-se numa moldura continental que pespontando heterogeneidade em todos os sentidos, em paralelo denota inúmeros rasgos comuns, fato que justifica a noção de uma *unidade objetiva do continente*.

Nesse sentido, há que ser mencionado o feito materializado na proposta da História Geral da África (HGA), coleção patrocinada pela UNESCO ³, produção que hoje perfila oito volumes, resultantes de um trabalho iniciado em 1964, momento em que a África assistia a uma vigorosa onda independentista e de afirmação identitária.

Essa iniciativa foi capitaneada pelo *Comitê Científico Internacional da UNESCO para a Redação da História Geral da África*, grupo composto por um colegiado formado por 39 especialistas (dos quais, dois terços de origem africana), por sua vez apoiados por mais de 350 profissionais procedentes das mais diversas áreas do saber (filósofos, historiadores, antropólogos e cientistas políticos).

Dentre os editores responsáveis pelos oito tomos da HGA, estão nomes de prestígio como Joseph Ki-Zerbo, Albert Abu Boahen, Cheikh Anta Diop, Jacob Festus Ade Ajayi, Christophe Wondji, Theophile Obenga, Ali Mazrui, Gamal Mokhtar, Mohammed El Fasi, Ivan Hrbek, Djibril Tamsir Niane e Bethwell Allan Ogot.

A História Geral da África constitui o maior monumento intelectual com centro na asserção da unidade do continente, e como tal, trata-se de memorável e marcante referência de resgate da memória dos povos e das culturas africanas.

Quanto à arqueologia das ideias elaboradas pelos africanos a respeito de uma identidade na escala continental, esta desvela uma série de posturas reativas que respaldaram movimentos de contestação ao aparato militar colonialista, à atividade missionária e à intrusão de mecanismos econômicos responsáveis por toda sorte de dessimetrias, vetores de sérias perturbações para as sociedades autóctones.

E numa clara demonstração do quanto as prefigurações imaginárias não despontam alheias aos contextos que as forjam, as reações à dominação colonial se revestiram de múltiplas formas, expressando codificações que mais tarde, condicionariam os rumos assumidos pelo associativismo político africano.

Neste cenário, despontaram correntes críticas do racismo, da exploração econômica, das injustiças sociais, das burocracias coloniais e da imposição de padrões culturais estranhos à África, adjudicadas a propostas de reabilitação dos *de dentro* ao mesmo tempo em que contestavam os *de fora*, constituindo o *Pan-africanismo*, o epítome deste processo.

Constatam-se par a par com movimentações políticas, protagonismos literários como o da *Negritude*, vertente que conquistou força principalmente na terceira década do século passado. Dentre os nomes mais proeminentes desta corrente, estão os do senegalês Léopold Sédar Senghor (primeiro presidente do Senegal), o martiniquense Aimé Fernand Césaire e o guianense Léon-Gontran Damas.

Por sua vez, notabilizando-se no cenário político continental, o pan-africanismo, com meta precípua na libertação e unificação da África, pode ser definido, nas palavras do professor nigeriano Peter Olanwuche Esedebe, como um:

“Movimento político e cultural que considera a África, os africanos e os descendentes de africanos de além-fronteiras como um único conjunto e cujo objetivo consiste em regenerar e unificar a África, assim como incentivar um sentimento de solidariedade entre as populações do mundo africano” (The Growth of the Pan-African movement, 1980, página 14, citado em ASANTE et CHANAIWA, 2010: 873).

Inspirado nessas motivações, o pan-africanismo disseminou-se por toda a África e a diáspora negra (Figura 1). Asseverou-se também, no que seria bastante revelador dos laços mantidos entre os núcleos de afrodescendentes com o continente de origem,

que este movimento medrou primeiramente junto a uma elite intelectual negra nos Estados Unidos, Europa e países caribenhos, inclusive como contestação ideológica à doutrina da inferioridade racial dos negros.



FIGURA 1 - A Bandeira pan-africanista, tal como adotada pela *Universal Negro Improvement Association and African Communities League* (UNIA-ACL, Associação Universal para o Progresso Negro e Liga das Comunidades Africanas), organização fundada pelo ativista Marcus Garvey, que definiu o vermelho, o preto e o verde como cores pan-africanas, com o vermelho representando o sangue unindo todos que compartilham ascendência africana, a cor negra, os povos da África e o verde, as riquezas do continente. Este pendão foi adotado pela UNIA-ACL em 13 de agosto de 1920, na cidade de Nova York, Estados Unidos, servindo de base para as bandeiras das atuais Repúblicas do Malawi e do Quênia. Outra bandeira considerada pan-africanista é a da Etiópia, cujas cores - verde, vermelho e amarelo - serviram de base para dez bandeiras dos novos Estados africanos independentes e de diversos movimentos negros em todo o mundo (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-12-2017)

Devemos reter que o referencial da unidade negra e africana, fosse esta pensada a partir de um critério racista, cultural e/ou pelo crivo das vicissitudes históricas da escravidão e da imposição colonialista, sempre substantivou uma nota predominante no pan-africanismo.

Nessa interface, a diáspora negra explicitou apaixonada predisposição em posicionar-se como credora do ideal pan-africanista. A primeira conferência do movimento,

reunindo ativistas afro-estadunidenses, do Reino Unido e das Antilhas, ocorreu em Londres no ano de 1900, convocada pelo caribenho Henry Silvester Williams, advogado natural da ilha de Trinidad.

Reconhecidamente, ativistas como William Edward Burghardt Du Bois (ou W. E. B. Du Bois, norte-americano) e Marcus Mosiah Garvey (jamaicano), ambos defendendo a união do continente africano e o fortalecimento dos laços da diáspora com a África, foram notáveis expoentes do pan-africanismo, expressão de uma África resgatada e recriada externamente às suas fronteiras históricas e geográficas clássicas (Figuras 2 e 3).

Essa seria uma das muitas correlações de soldaduras que nitidamente conectam o mundo negro e o mundo africano, entrelaçando-se entre si com base em conexões insuspeitas a um olhar leigo, explicitando, outrossim, um conteúdo de novidade à temática da integração do continente ⁴.

Ainda centrados neste ponto, seria mister recordar que o movimento pan-africanista passou à batuta de lideranças africanas natas somente a partir do 5º Congresso, realizado em 1945 na cidade inglesa de Manchester, evento presidido por W.E.B. Du Bois.

Constituindo um ponto de inflexão do projeto pan-africanista, nesse encontro a reivindicação da autodeterminação dos africanos tornou-se o corpo de ideias central do movimento, concepção essa que avançou fundamentalmente por convencimento ideológico.

Isso porque em Manchester, como de praxe nas cimeiras anteriores, a representação das delegações ignorava solenemente quaisquer critérios de representatividade demográfica, geográfica e continental. Basta atentar para os números referentes ao 5º Congresso, no qual estavam presentes 33 delegados antilhanos, 31 europeus, 26 africanos e um norte-americano.

Naturalmente, a heterogeneidade e as diferentes realidades interiorizadas pelas delegações, *pari passu* à proporção modesta dos representantes africanos presentes no 5º Congresso, inscreveu o temário da emancipação dos africanos do colonialismo numa proposição fortemente conectada a um imaginário da libertação da África, um apelo que não poderia deixar de impactar as posições dos delegados, fossem ou não originários do continente.



FIGURAS 2 e 3 - Na primeira foto, Marcus Garvey durante parada do movimento negro em Nova York e na segunda, William E. B. Du Bois, numa tomada artística (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-12-2017)

Nesta linha de compreensão, o Congresso de Manchester tornou o pan-africanismo uma clara reivindicação política, um ideário sob o comando de africanos, atraindo e congregando uma geração inteira de líderes por todo o continente.

Deixando marcas irretorquíveis no cenário político continental, nesta declinação destacaram-se combativas lideranças independentistas, dentre as quais: Isaac Wallace-Johnson, de Serra Leoa; Steve Biko, da África do Sul; Julius Nyerere, da Tanganica (atual Tanzânia); Jomo Kenyatta, do Quênia; Mobido Keïta, do Sudão Francês (atual Mali); Hastings Banda, da ex-Niassalandia (atual Malawi); Kenneth Kaunda, da atual Zâmbia; Ahmed Sékou Touré, da antiga Guiné (atual Guiné-Conacry); Patrice Lumumba, do antigo Congo Belga (atual República Democrática do Congo: RDC); Kwame Nkrumah, da antiga Costa do ouro (atual República de Gana) e Hailé Selassié, imperador da Etiópia (Figura 4).



FIGURA 4 - Kwame Nkrumah, então líder da recém independente República de Gana, em visita oficial à Etiópia no ano de 1958, recebido pelo imperador Hailé Selassié (Fonte: < <http://www.dw.com/pt-002/50-anos-de-uni%C3%A3o-africana/g-16825352> >. Acesso: 13-12-2017)

Adotando o pan-africanismo como cerne dos seus discursos e programas políticos, a posição de dirigentes acabaria por ensinar, na aurora das independências, propostas de união política, cultural e econômica do continente. Neste prisma, anote-se que a inclinação em assumir a África como matriz de uma atuação política continental transparece nitidamente na nomenclatura dos próprios partidos independentistas, senão vejamos:

- Partido *Africano* para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC);
- Zimbabwe *African* National Union (ZANU);
- Zimbabwe *African* People's Union (ZAPU) ⁵;
- *African* National Congress (ANC);
- All-*African* People's Revolutionary Party (A-APRP) ⁶;
- Kenya *African* National Union (KANU);
- Voltaic Democratic Union-*African* Democratic Rally (UDV-RDA);
- Partido *Africano* para a Independência de Cabo Verde (PAICV);
- Union Démocratique *Centrafricaine* (UDC);
- Parti Démocratique de la Côte d'Ivoire - Rassemblement Démocratique *Africain* (PDCI-RDA);
- Sudanese Union - *African* Democratic Rally (US-RDA);
- Tanganyika *African* National Union (TANU);
- *Afro*-Shirazi Party (ASP) ⁷.

Para completar, dezenas de organizações sociais, religiosas, culturais, acadêmicas, esportivas e econômicas, cujo horizonte de ação desdobra-se no continente por inteiro, acoplam o nome do continente às suas siglas e acrônimos. E fazendo isso, difundem ao mesmo tempo a aspiração da unidade continental (Figura 5).



FIGURA 5 - Logo do *Pan African Games* (Jogos Pan Africanos), evento continental multiesportivo organizado pela União Africana, que a cada quatro anos, reúne atletas de todas as modalidades e de todas as nações africanas. O primeiro *Pan African Games* ocorreu em Brazzaville, na República do Congo, em 1965. Em 2019, a cidade de Malabo, na Guiné Equatorial, será a sede dos jogos pan-africanos (Fonte: Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 13-12-2017)

Portanto, na ótica de um modelo identitário articulado histórica, social, cultural e geograficamente, são muitos os sinais de um senso de pertencimento que na comparação com os demais padrões civilizatórios com expressão continental ⁸, projetam a incisividade do imaginário pan-africanista, *para o qual a África é uma só*.

Também seria meritório comentar a evocação do ideal africanista pelas duas grandes organizações continentais africanas. Constituindo entidades progênes do pan-africanismo, tanto a *Organização da Unidade Africana* (OUA, ativa entre 1963-2002), quanto a *União Africana* (UA, que sucede a OUA em 09-07-2002), expressam de modo seminal os dilemas e as potencialidades de integração da África (Figura 6).



FIGURA 6 - Durante a 8ª Cimeira da União Africana, realizada em Adis Abeba entre 29 e 30 de Janeiro de 2007, os Chefes de Estado presentes decidiram lançar um concurso para a seleção de bandeira para a UA. Das 106 propostas apresentadas, o desenho vencedor foi criado por Yadesa Bojia, artista norte-americano e *designer* gráfico nascido na Etiópia. O fundo verde da bandeira simboliza a esperança e as 53 estrelas de ouro, representam os Estados-Membros. O Sudão do Sul tornou-se o 54º Estado-membro em 27 de julho de 2011, e o Marrocos voltou a participar da UA em Janeiro de 2017, elevando o total de estrelas para 55 (Fonte: < <https://www.royal-flags.co.uk/african-union-au-flag-1518.html> >. Acesso: 19-11-2017)

Sediadas em Adis Abeba, cidade carregada de forte simbolismo por ser a capital da Etiópia, único país africano a manter-se independente diante da investida colonialista, ambas as instituições estão postadas no plexo solar dos debates relacionados ao associativismo africano.

Nessa visada, a tônica pan-africanista foi por demais evidente na atmosfera pejada de esperanças que permeou a criação da OUA, ato apoiado por 32 nações africanas independentes.

Expressando tomada de posição quanto ao sentimento relativo a um destino comum para o continente, tratou-se de data realmente solene, com enorme impactação no meio político internacional da época.

É o que transparece no discurso de abertura da Reunião Magna da OUA, proferido aos 25 de Maio de 1963 por Hailé Selassié, imperador da Etiópia. Acompanhemos o excerto:

“Reunimo-nos para reforçar o nosso papel na condução dos assuntos do mundo e para cumprir nosso dever para com esse grande continente, no qual temos a responsabilidade por duzentos e cinquenta milhões de habitantes. O conhecimento da nossa história é indispensável para estabelecer a nossa personalidade e a nossa identidade de africanos. Proclamamos hoje aqui que a nossa maior tarefa consiste na libertação definitiva de todos os nossos irmãos africanos que se encontram ainda sob o jugo da exploração e do domínio estrangeiro. Reconhecemos que o futuro deste continente reside, em última instância, numa união política” (Citado em FERNANDES, 2009: 93-94).

Passados cinquenta anos após o ato solene de Hailé Selassié, o colonialismo foi forçado a sucessivos recuos, e com exceção de alguns pequenos enclaves, a nota predominante são as 55 nações africanas independentes. Ao mesmo tempo, o pan-africanismo seguramente incorporou outras motivações e adotou novas linhas a balizar o relacionamento entre as jovens nações africanas.

O antigo prognóstico de uma vasta federação, os *Estados Unidos da África*, como propunha Kwame Nkrumah, não se realizou. Esta expectativa não teve como superar a tendência de cada novo país em afirmar um caminho próprio, expressando novas identidades nacionais, que buscaram seu lugar ao Sol no continente e na realidade global.

Contudo, nada disto nega um sentimento de uma *comunidade de destino*, regrada pela noção de uma *Gemeinschaft*, calco linguístico de raiz alemã com largo trânsito nas ciências sociais, definindo sentimentos calcados na interação identitária e no compartilhamento de noções matriciais referentes aos povos, grupos e culturas, que no temário da unidade africana, se aplica às conexões que associam os povos do continente e a diáspora negra a partir de expectativas comuns.

Nesta linha de abordagem, a África persiste no seu caminho rumo à afirmação de uma *identidade continental*, crescentemente estendida a todo o mundo negro, uma unidade que ata a África e a Diáspora Negra, que se constrói passo a passo, reflexo de um ideal que continua a encantar milhões de africanos e afrodescendentes.

BIBLIOGRAFIA

APPIAH, Kwame Anthony. *Na Casa do Meu Pai - A África na Filosofia da Cultura*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Contraponto. 1997;

ASANTE, S. K. B. et CHANAIWA, David. Capítulo 24: *O Pan-africanismo e a Integração Regional*. Volume VIII: África desde 1935. In: História Geral da África, pp. 873-896. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

BALANDIER, Georges. *As Dinâmicas Sociais: Sentido e Poder*. São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1976;

BASTIDE, Roger. *As Américas Negras - As civilizações africanas no Novo Mundo*. 3ª edição. São Paulo (SP): Coedição Difusão Européia do Livro (DIFEL) e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1974;

BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;

DÖPCKE, Wolfgang. *A Vida Longa das Linhas Retas: Cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra*. Brasília (DF): Revista Brasileira de Política Internacional, volume 42, nº. 1, pp. 77-109. 1999;

FERNANDES, Joel Aló. *Integração para o Desenvolvimento da África: a Fusão de Blocos Econômicos*. Coleção Relações Internacionais e Globalização, nº. 23. Ijuí (RS): Editora Injuí. 2009;

FERREIRA, Manuel Ennes. *Integração econômica em África: Poder e Identidade*. In *O Racismo, Ontem e Hoje*, pp.65-85. Porto (Portugal) Universidade do Porto - Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto (CEAUP). 2005;

HARRIS, Joseph E. et ZEGHIDOUR, Slimane. Capítulo 23: *A África e a Diáspora Negra*. Volume VIII: África desde 1935. In: História Geral da África, pp. 849-872. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

KODJO, Edem et CHANAIWA, David. Capítulo 25: *Pan-africanismo e Libertação*. Volume VIII: África desde 1935. In: História Geral da África, pp. 897-924. Brasília (DF): UNESCO, SECAD/MEC, UFSCAR. 2010;

KLEER, V. S. de. *A Visual Guide to the Flags of the World*. Londres (Reino Unido): Chatham Publishing. 2005;

MBENGE, Youssoupha. *Panafricanisme et Fondements Théoriques de la Dynamique Integrationniste Africaine*. Panafricanism & African Renaissance - 21th African Union Summit, 19-27 May, 2013, pp. 25-27. In: *Au Echo: The Africa We Want*, Special Issue for the 50th Anniversary of the OAU-AU, 1963-2013. Adis Abeba: União Africana. 2013;

M'BOKOLO, Elikia. *África Negra: História e Civilizações*. Dois Volumes: Tomo I (Até o Século XVIII) e Tomo II (do Século XIX nossos dias). Tradução de Alfredo Margarido. Salvador (BA): Editora da Universidade Federal da Bahia; São Paulo (SP): Casa das Áfricas. 2012;

NTALAJA, Georges Nzongola. *Desafios para a formação do Estado na África*. In: *Desafios contemporâneos da África: O Legado de Amílcar Cabral*, pp. 107-132. São Paulo (SP): Editora da Universidade Estadual paulista (UNESP). 2012;

UA. *Panafricanism & African Renaissance - 21th African Union Summit, 19-27 May, 2013*. In *Au Echo: The Africa We Want*, Special Issue for the 50th Anniversary of the OAU-AU, 1963-2013. Adis Abeba (Etiópia): União Africana. 2013;

UA. *Protocol on Amendments to the Constitutive Act of the African Union* (Protocolo de Emendas da União Africana), adotado na 1ª Sessão Extraordinária da Assembléia da União em Adis Abeba, Etiópia, 3-02-2003. 2003;

UNESCO. *História Geral da África*. Brasília (DF): UNESCO, com apoio da Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) do Ministério da Educação (MEC) e da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2010;

WALDMAN, Maurício. *O Papel de Angola na África Centro-Meridional: Recursos Hídricos, Cooperação Regional e Dinâmicas Socioambientais*. Relatório de Pesquisa de Pós-Doutorado. São Paulo (SP) e Brasília (DF): Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) / Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq). 2014;

WALDMAN, Maurício *et alli*. *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula*. São Paulo (SP): Cortez Editora. 2007.

¹ **Unidade Africana: Um Caminho Pleno de Esperanças** é um artigo eletrônico primeiramente disponibilizado na Home-Page da Cortez Editora com vistas às comemorações do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de Novembro de 2013. Os dados deste material integram a investigação *O Papel de Angola na África Centro-Meridional: Recursos Hídricos: Cooperação Regional e Dinâmicas Socioambientais*, pesquisa em nível de Pós-Doutorado realizada no âmbito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP, 2011-2013), desenvolvida sob supervisão do Professor Livre Docente Fernando Augusto Albuquerque Mourão (FFLCH-USP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A presente edição deste texto, masterizada em 2017 pela **Editora Kotev (Kotev ©)** em Formato PDF para fins de acesso livre na Internet, incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo e normatizações inerentes a esta reconfiguração editorial. O texto original, preservado nesta edição, agrega outrossim seis figuras com o fito de auxiliar na compreensão do tema, assim como referências bibliográficas de interesse para os que desejam maior aprofundamento temático. A confecção desta edição contou com a Assistência de Editoração Eletrônica e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, E-mail: francesco_antonio@hotmail.com, Home-Page: www.harddesignweb.com.br. Retenha-se que **Unidade Africana: Um Caminho Pleno de Esperanças** é um material gratuito, sendo vedada qualquer modalidade de reprodução comercial e de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev**. A citação de **Unidade Africana: Um Caminho Pleno de Esperanças** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor e ao texto conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Unidade Africana: Um Caminho Pleno de Esperanças*. Série Africanidades Nº. 17. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2017.

² **MAURÍCIO WALDMAN** é professor universitário, pesquisador acadêmico, editor, jornalista, consultor e antropólogo africanista, com Graduação em Sociologia (USP, 1982), Licenciatura em Sociologia e Geografia Econômica (USP, 1982), Mestrado em Antropologia (USP, 1997), Doutorado em Geografia (USP, 2006), Pós-Doutorado em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós-doutorado em Meio Ambiente (PNPD-CAPEs, 2015). Dois dos títulos das pesquisas do autor, Mestrado em Antropologia (USP, 1997) e Pós-Doutorado em Relações Internacionais (USP, 2013), constituem trabalhos com área de concentração em África. Waldman foi colaborador de Chico Mendes (1988), integrou o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI, 1988-1990) e atuou como membro da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção São Paulo (AGB-SP, 2002-2003). No campo do conhecimento africanista, atuou como consultor internacional da Câmara de Comércio Afro-Brasileira (2013-2017), e durante dez anos (2004-2014), como professor nos cursos de difusão cultural do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP). Waldman foi consultor do Instituto Paulo Freire no campo temático de África e realidade negra brasileira, também

desenvolvendo palestras e conferências sobre África & Africanidades em dezenas de cidades brasileiras. Maurício Waldman responde pela autoria de 210 artigos, resenhas, projetos e textos científicos centrados no temário de África & Africanidades. Dentre outros veículos de mídia impressa, os textos de Waldman foram regularmente publicados pela revista África (CEA-USP), Jornal Cultura (Luanda, Angola), revista Brasil-Angola Magazine (São Paulo), revista Contemporartes (Curitiba) e Portal Instituto Afro (São Paulo). É autor de *Africanidade, Espaço e Tradição: A Topologia do Imaginário Espacial Tradicional Africano na fala griot sobre Sundjata Keita do Mali* (Revista África, coedição CEA-USP/Editora Humanitas, 1997-1998, volume 20/21, pp. 219-268), *paper* considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o mais influente centro de investigações mantido pelo governo da França (Confira Ficha Catalográfica: < http://mw.pro.br/mw/cat.inist.fra_2017_kotev.pdf >). Maurício Waldman é coautor de *Memória D'África: A Temática Africana em Sala de Aula* (Cortez Editora, 2007), obra de referência no campo africanista brasileiro.

Mais Informação:

Portal do Professor Maurício Waldman: www.mw.pro.br

Maurício Waldman - Textos Masterizados: <http://mwtextos.com.br/>

Currículo Lattes-CNPq: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>

Verbete Wikipedia (BrE): http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Contato Email: mw@mw.pro.br

³ Acrônimo de *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*, agência especializada das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura. Conhecida na língua portuguesa como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁴ Exatamente por esse motivo deveria a diáspora negra ser observada com atenção por parte dos especialistas em relações internacionais. Neste sentido, ressalve-se que o mundo afrodescendente igualmente é lembrado nos discursos e narrativas dos africanos. Por exemplo, o Protocolo de Emendas da União Africana de 2003 estabelece entre seus objetivos: “*Convidar e encorajar a plena participação da Diáspora Africana enquanto parte importante do nosso continente, na construção da União Africana*” (UA, 2003: 2, *grifos nossos*).

⁵ Tanto a ZANU quanto o ZAPU foram organizações lideradas por personalidades políticas de peso na história contemporânea do Zimbábue: a primeira por *Robert Mugabe*; a segunda, por *Joshua N'komo*.

⁶ A sigla refere-se ao partido socialista fundado pelo líder ganense Kwame Nkrumah, ainda hoje com diferentes ramificações no continente africano e na diáspora negra.

⁷ O TANU operava na parte continental da Tanzânia e o ASP, em Zanzibar-Pemba. As duas agremiações uniram-se em 1977 no *Chama Cha Mapinduzi* (CCM), o Partido da Revolução, entidade guia na política tanzaniana na Era Julius Nyerere.

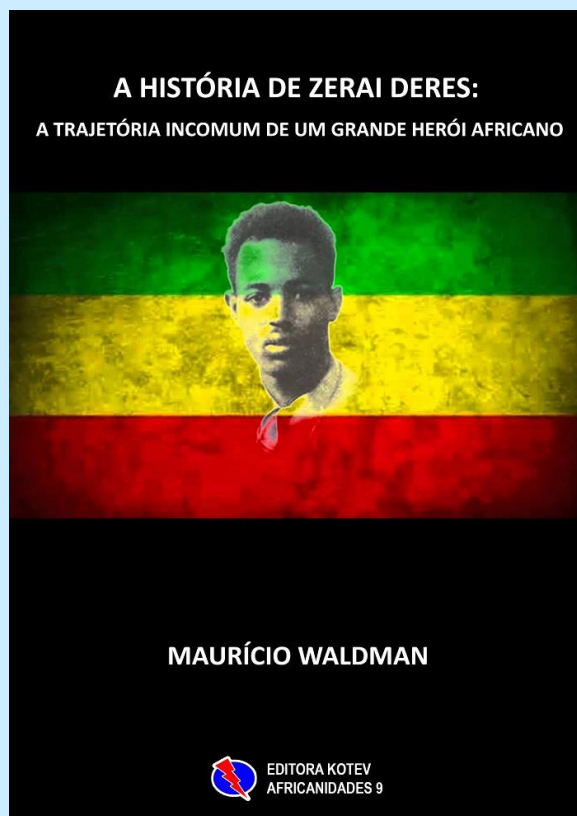
⁸ Numa perspectiva geográfica e cultural, em paralelo à *África Negra*, seria possível elencar outras cinco grandes civilizações: a *Europeia Ocidental*, *Leste Europeia*,

Islâmica, Hindu e Chinesa (passim BRETON, 1990).

PARA SABER MAIS SOBRE A ÁFRICA CONTEMPORÂNEA



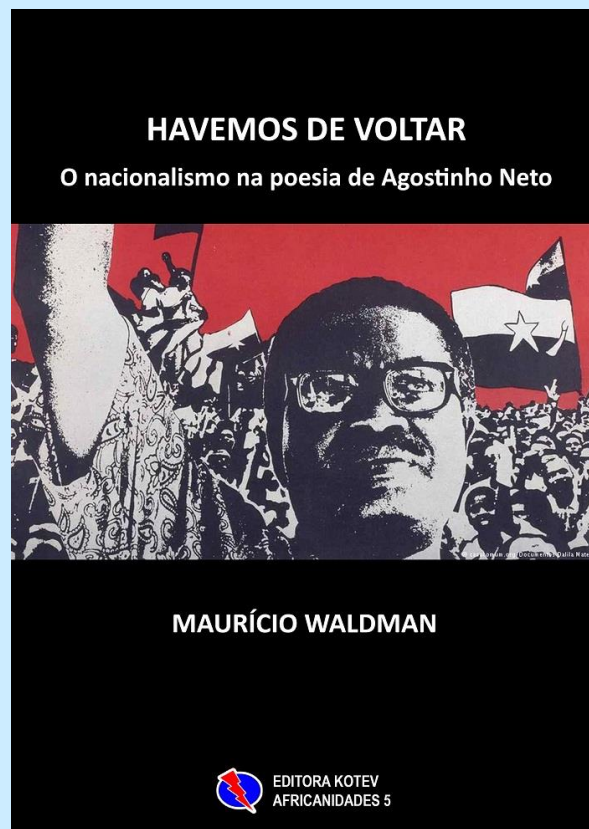
http://mw.pro.br/mw/africanidades_04.pdf



http://mw.pro.br/mw/africanidades_09.pdf



http://mw.pro.br/mw/africanidades_14.pdf

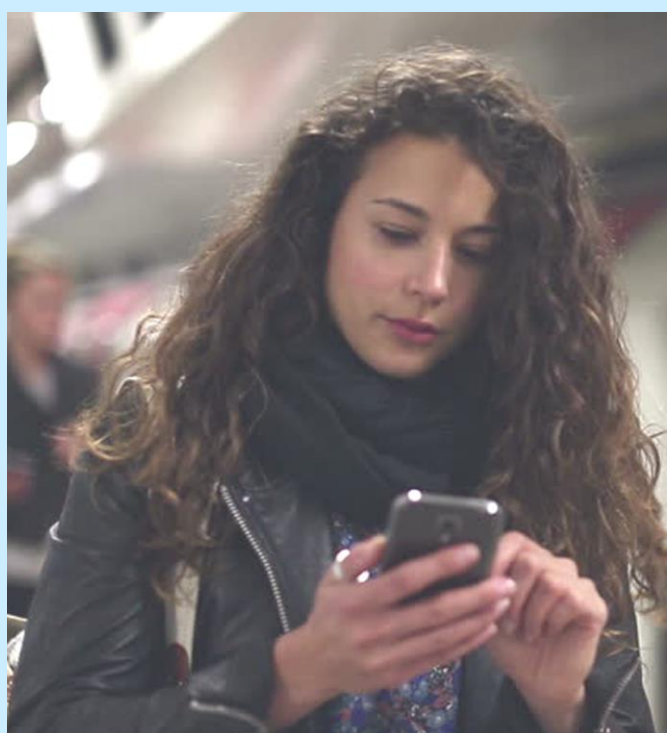


http://mw.pro.br/mw/africanidades_05.pdf

CONHEÇA A SÉRIE AFRICANIDADES



<http://mwtextos.com.br/serie-africanidades/>



EDITORA KOTEV

Sintonizada com o Futuro Digital

EDITORA KOTEV
INFORMAÇÃO ÚTIL, ÁGIL E INTELIGENTE

Os debates sobre **ÁFRICA & AFRICANIDADES** são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com **RELAÇÕES INTERNACIONAIS, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página: <http://kotev.com.br/>
Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo: atendimento@kotev.com.br